

SEIS ANOS DEPOIS

Título original: *Six Years*
Copyright © 2013 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ricardo Quintana
preparo de originais: Rachel Agavino
revisão: Ana Lúcia Machado, Rafaella Lemos e Renata Dib
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Elmo Rosa
e-book: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586s Coben, Harlan, 1962-
Seis anos depois [recurso eletrônico] / Harlan Coben [tradução de Ricardo Quintana]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Six Years*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-254-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Quintana, Ricardo. II. Título.

14-
08539

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

capítulo 1

SENTEI-ME NO ÚLTIMO BANCO da igreja e fiquei assistindo à única mulher que amaria na vida se casar com outro homem.

Natalie estava de branco, claro, e linda de morrer. Sua beleza sempre fora ao mesmo tempo frágil e levemente forte e, ali no altar, parecia etérea, quase sobrenatural.

Ela mordia o lábio inferior. Lembrei-me daquelas manhãs de preguiça quando, depois de fazermos amor, Natalie vestia minha camisa azul e então descíamos. Nós nos sentávamos à mesa do café e líamos o jornal, até que ela pegava um bloco e começava a desenhar. Enquanto fazia um esboço meu, mordia o lábio daquele jeito.

Meu coração parecia estar sendo rasgado em dois.

Por que eu tinha vindo?

Você acredita em amor à primeira vista? Nem eu. Mas acredito numa grande atração à primeira vista, mais que física. Acho que de vez em quando – em uma ou duas ocasiões na vida – nos sentimos fascinados por uma pessoa, de forma muito profunda, primordial e imediata, um encanto mais que magnético. Foi assim com Natalie. Às vezes não passa disso. Em outras cresce, esquenta e se transforma numa chama gloriosa, que sabemos ser verdadeira e destinada a durar para sempre.

Muitas vezes nos enganamos, achando que o fascínio inicial vai durar eternamente.

Pensei, com ingenuidade, que ficaríamos juntos para sempre. Eu, que nunca havia de fato acreditado em compromisso e sempre fizera de tudo para escapar a seus grilhões, soube na mesma hora – bem, depois de uma semana na verdade – que aquela era a mulher que acordaria ao meu lado todos os dias. Era a mulher que eu protegeria, mesmo que fosse necessário sacrificar a minha vida. A mulher – sim, sei quanto isso parece banal – sem a qual não conseguiria fazer nada, que tornaria importantes até as coisas mais corriqueiras.

Eu sei, tão meloso que dá vontade de vomitar, né?

Um pastor de cabeça muito bem raspada estava falando, mas o sangue

latejando em meus ouvidos tornava impossível entender suas palavras. Eu tinha os olhos fixos em Natalie. Queria que ela fosse feliz. Não era hipocrisia, aquela mentira que contamos a nós mesmos com frequência porque, na verdade, se nosso amor não nos quer mais, desejamos que seja infeliz. Eu estava sendo sincero. Se acreditasse mesmo que ela seria mais feliz sem mim, deixaria que partisse, por mais doloroso que fosse. Mas não acreditava que Natalie seria mais feliz, apesar do que tinha dito ou feito. Ou talvez isso fosse outra racionalização, outra mentira, que eu contava a mim mesmo.

Natalie mal me olhou, mas vi sua boca se enrijecer. Ela sabia que eu estava lá. Mantinha os olhos no futuro marido. Seu nome, eu descobrira recentemente, era Todd. Odeio esse nome. Todd. Era provável que as pessoas o chamassem de Toddy.

O cabelo de Todd era comprido demais e ele tinha aquela barba por fazer que algumas pessoas consideram moderna e outras, como eu, abominam. Seu olhar passeava tranquilo e satisfeito pelos convidados até parar... bem, em mim. Deteve-se por um segundo, me avaliando, até chegar à conclusão de que eu não valia o esforço.

Por que Natalie voltara para ele?

A dama de honra era a irmã dela, Julie. Estava de pé no altar, segurando um buquê com as duas mãos e, nos lábios, um sorriso sem vida, mecânico. Nunca nos conhecemos, mas eu tinha visto fotos suas e ouvira as duas falando ao telefone. Ela também parecia perplexa com aquilo. Tentei fitar seus olhos, mas eles pareciam estar a um quilômetro de distância.

Voltei a olhar para o rosto de Natalie e foi como se pequenos explosivos detonassem dentro do meu peito. Tinha sido uma péssima ideia. Quando o padrinho entregou as alianças, meus pulmões começaram a falhar, tornando difícil respirar.

Chega.

Eu tinha que ver isso com meus próprios olhos, acho. Descobri da pior forma possível que precisava disso. Meu pai tinha morrido de um infarto fulminante fazia cinco meses. Nunca tivera problemas de coração e, para todos os efeitos, estava em ótima forma. Lembro-me de estar sentado na sala de espera do hospital, de ser chamado ao consultório do médico e de receber a notícia devastadora – e de me perguntarem, ali e

na funerária, se eu queria ver o corpo. Recusei. Pensei que não queria me lembrar dele deitado numa maca ou num caixão. Preferia guardar a lembrança de como ele havia sido.

Mas, conforme o tempo passava, comecei a ter problemas para aceitar sua morte. Meu pai era tão vibrante e cheio de vida! Dois dias antes de ele morrer, tínhamos ido a um jogo de hóquei do New York Rangers – meu pai comprava os ingressos para a temporada inteira – e a partida fora prorrogada. Gritamos, torcemos e, caramba, como ele podia estar morto agora? Parte de mim começou a se perguntar se não teria havido algum engano ou se aquilo tudo não era uma grande farsa e talvez meu pai ainda estivesse vivo. Sei que não faz o menor sentido, mas o desespero consegue mexer conosco e, se damos a ele algum espaço, respostas alternativas começam a surgir.

Outra parte de mim ficou obcecada pelo fato de eu nunca ter visto o corpo do meu pai. Não quis cometer o mesmo erro outra vez. Mas, para continuar com a comparação ruim, agora eu tinha visto o cadáver. Não havia necessidade de checar o pulso.

Tentei ir embora o mais discretamente possível, o que não é muito fácil quando se mede 1,98 metro e se tem um físico “de lenhador”, para usar uma expressão de Natalie. Tenho as mãos grandes. Ela as adorava. Segurava-as nas suas e percorria as linhas da minha palma com a ponta do dedo. Falava que eram mãos de verdade, de homem. Também as desenhara porque dizia que contavam minha história – minha criação operária, meu esforço para pagar os estudos no Lanford College, trabalhando como segurança numa casa noturna local, e também o fato de que agora eu era o professor mais jovem do departamento de Ciência Política.

Saí cambaleando da pequena capela branca para o ar cálido de verão. Verão. Será que não tinha passado disso? Um romance de verão? Em vez de dois jovens lascivos buscando atividade sexual num acampamento, éramos dois adultos procurando solidão num retiro – ela, para criar sua arte, e eu, para escrever minha dissertação de ciência política –, que se conheceram, apaixonaram-se loucamente e, agora que o outono estava chegando... Bem, o que é bom dura pouco. Todo o nosso relacionamento teve esse caráter irreal, os dois distantes de suas vidas normais e sujeitos ao lugar-comum que acompanha essas situações. Talvez por isso tenha

sido tão extraordinário. Talvez o fato de só termos ficado juntos nessa bolha afastada da realidade tenha tornado nossa relação melhor e mais intensa. Talvez eu estivesse apenas exagerando.

Por trás das portas da igreja, ouvi gritos animados e aplausos. Aquilo me arrancou do meu estupor. A cerimônia havia terminado. Todd e Natalie eram agora o Sr. e a Sra. Barba Por Fazer. Em breve, desceriam o corredor em direção à saída. Será que as pessoas jogariam arroz? Todd provavelmente não iria gostar disso. Iria estragar o cabelo e ficar preso na barba.

Eu não precisava ver mais nada.

Dirigi-me para os fundos da capela branca, saindo de cena bem na hora em que as portas se abriram. Olhei para o vazio. Nada ali, a não ser, claro, espaço vazio. Havia árvores ao longe. Os chalés ficavam do outro lado do morro. A capela era parte do retiro para artistas onde Natalie estava. O meu era mais à frente na estrada, um retiro para escritores. Ambos eram antigas fazendas de Vermont que ainda cultivavam alguns produtos orgânicos.

– Oi, Jake.

Virei-me em direção à voz familiar. Bem ali, a não mais de 10 metros de distância, estava Natalie. Olhei rapidamente para seu anular esquerdo. Como se lesse meus pensamentos, ela levantou a mão para mostrar a aliança.

– Parabéns – falei. – Fico muito feliz por você.

Ela ignorou o comentário.

– Não acredito que você está aqui.

Abri os braços.

– Soube que ia ter uns salgadinhos maravilhosos. É difícil resistir.

– Engraçadinho.

Dei de ombros enquanto meu coração virava pó e era levado pelo vento.

– Todo mundo falava que você não viria – disse Natalie. – Mas eu sabia que sim.

– Eu ainda amo você.

– Eu sei.

– E você ainda me ama.

– Não, Jake. Está vendo?

Ela agitou a mão com a aliança na frente do meu rosto.

– Querida? – Todd e sua barba surgiram de repente. Ele me viu e franziu a testa. – Quem é esse?

Mas estava na cara que ele sabia.

– Jake Fisher – falei. – Parabéns pelo casamento.

– De onde o conheço?

Deixei Natalie responder. Ela pôs a mão sobre o ombro dele de um jeito reconfortante e disse:

– Jake posa para vários de nós. Você provavelmente o reconheceu de alguns trabalhos.

Ele continuava com a testa franzida. Natalie se colocou entre nós dois e falou:

– Você pode nos dar só um segundo? Já estou indo.

Todd olhou para mim. Não me mexi. Não recuei um passo sequer. Não olhei para o outro lado.

De má vontade, ele disse:

– Ok. Mas não demore.

Lançou-me mais um olhar duro e deu meia-volta, contornando a capela. Natalie se virou para mim. Apontei na direção em que Todd havia desaparecido.

– Ele parece ser divertido.

– Por que você está aqui?

– Precisava dizer que a amo – falei – E que sempre vou amar.

– Acabou, Jake. Siga em frente. Você vai ficar bem.

Eu não disse nada.

– Jake?

– O que foi?

Ela inclinou um pouco a cabeça. Sabia o estrago que aquele gesto causava em mim.

– Prometa que vai nos deixar em paz.

Continuei ali, parado.

– Prometa que não vai nos seguir, telefonar nem mandar e-mail.

A dor no peito aumentou, incisiva e pesada.

– Prometa, Jake. Prometa que vai nos deixar em paz.

Seus olhos estavam fixos nos meus.

– Ok. Eu prometo.

Sem mais uma palavra, Natalie se afastou, voltando para a frente da capela, em direção ao homem com quem acabara de se casar. Fiquei ali mais um instante, tentando recuperar o fôlego. Quis ter raiva, não dar bola, deixar para lá e pensar que era ela quem estava perdendo. Tentei isso tudo. Cheguei até a tentar ser maduro em relação àquilo, mas sabia que era uma técnica de enrolação para não precisar encarar o fato de que ficaria com dor de cotovelo pelo resto da vida.

Permaneci ali, atrás da capela, até perceber que todos tinham ido embora. Então dei meia-volta. O pastor de cabeça raspada estava lá fora, nos degraus. Assim como a irmã de Natalie, Julie. Ela pôs a mão no meu braço.

– Você está bem?

– Estou ótimo – respondi.

O pastor sorriu para mim.

– Que belo dia para um casamento, não acha?

Pisquei à luz do sol.

– Acho que sim – falei, antes de ir embora.

Faria o que Natalie me pedira. Iria deixá-la em paz. Pensaria nela todos os dias, mas nunca telefonaria, não tentaria me aproximar nem a procuraria on-line. Manteria a promessa.

Por seis anos.

capítulo 2

SEIS ANOS DEPOIS

EMBORA EU NÃO TIVESSE COMO SABER disso na hora, a maior mudança da minha vida chegaria entre 15h29 e 15h30.

Minha aula de Política do Pensamento Moral para a turma dos calouros tinha terminado naquele instante. Eu estava saindo do Bard Hall. O dia de aulas chegara ao fim. O sol estava forte em Massachusetts naquela tarde fresca. Um jogo de *frisbee* rolava na quadra. Os alunos estavam espalhados por todos os cantos, como se dispersados pela mão de um gigante. Ouvia-se música a todo volume. Era como se o panfleto do campus dos sonhos tivesse ganhado vida.

Adoro dias assim. Mas quem não gosta?

– Professor Fisher?

Virei-me ao ouvir o chamado. Sete estudantes estavam sentados na grama, num semicírculo. A garota que falou estava no meio.

– Gostaria de se juntar a nós? – perguntou.

– Obrigado, mas tenho que atender alguns alunos agora – respondi, com um sorriso.

Continuei andando. Eu não podia ficar, embora fosse adorar me sentar com eles num dia glorioso como aquele – quem não gostaria? As linhas que separavam professores e alunos eram muito tênues e, me desculpem, por mais cruel que isso soe, eu não queria ser *aquele* professor, se é que me entendem, que anda demais com os alunos, frequentando ocasionalmente festinhas de fraternidades e às vezes oferecendo uma cerveja no fim do jogo de futebol. Um professor deve dar apoio e ser acessível, mas não é colega ou pai.

Quando cheguei a Clark House, a Sra. Dinsmore me cumprimentou com a carranca habitual. Uma típica megera, ela era a recepcionista do departamento de Ciência Política desde o tempo do governo Hoover, acho. Tinha no mínimo 200 anos, mas era tão impaciente e desagradável quanto alguém com metade dessa idade.

- Boa tarde, minha linda – falei. – Algum recado?
 - Na sua mesa – respondeu a Sra. Dinsmore. Até sua voz era mal-humorada. – E a mesma fila de sempre já se formou na sua porta.
 - Ok, obrigado.
 - Parece até que está havendo um teste para algum musical lá.
 - Entendi.
 - O seu antecessor nunca foi acessível assim.
 - Ah, que isso, Sra. Dinsmore? Eu sempre vinha visitá-lo aqui quando era aluno.
 - Sim, mas pelo menos a sua bermuda tinha um comprimento adequado.
 - E isso a decepcionava um pouco, não é?
- A Sra. Dinsmore fez o possível para não sorrir.
- Suma da minha frente, está bem?
 - Pode confessar.
 - Quer levar um chute na bunda? Saia daqui.

Mandei um beijo para ela e entrei pela porta dos fundos a fim de evitar a fila de alunos que me procuravam às sextas-feiras. Dou duas horas de atendimento “não agendado” uma vez por semana, de três às cinco da tarde. Era um horário aberto, nove minutos por aluno, sem planejamento, sem precisar marcar com antecedência. Eles apenas aparecem – são atendidos em ordem de chegada. O tempo é cronometrado. São nove minutos. Nem mais nem menos, depois um minuto para sair e deixar que o próximo aluno entre. Se for preciso mais tempo, se eu estiver orientando uma tese ou algo assim, a Sra. Dinsmore marca uma hora para um encontro mais longo.

Às três em ponto mandei entrar a primeira aluna. Ela queria discutir teorias de Locke e Rousseau, dois cientistas políticos mais conhecidos agora por suas reencarnações no seriado *Lost* do que por suas teorias filosóficas. O segundo aluno não tinha nenhum motivo para estar ali, a não ser – e estou sendo grosseiro – encher o saco. Às vezes eu sentia vontade de levantar a mão e perguntar: “por que, em vez de vir aqui, você não faz uns biscoitos para mim?” Mas me controlava. A terceira queria reclamar da nota; achava que seu trabalho B+ devia ser um A-, quando na verdade estava mais para um simples B.

Era assim mesmo. Alguns vinham à minha sala para aprender, outros

para impressionar, reclamar, conversar – tudo bem. Não faço julgamentos com base nesses encontros. Seria errado. Trato todos os alunos que passam por essa porta da mesma forma, porque estamos aqui para *ensinar*, se não for ciência política, talvez um pouquinho de pensamento crítico ou até – pasmem! – algo sobre a vida. Se os estudantes já nos chegassem completamente formados e sem inseguranças, qual seria a graça?

– Vai continuar B+ – falei, depois que ela terminou sua arenga. – Mas aposto que você vai conseguir aumentar sua nota no próximo trabalho.

O despertador do relógio tocou. Sim, como eu disse, o tempo é cronometrado. Eram exatamente 15h29. Por isso que, ao olhar para trás, para tudo o que viria a acontecer, sabia com precisão quando tinha começado – entre 15h29 e 15h30 da tarde.

– Obrigada, professor – falou ela, levantando-se para ir embora.

Levantei-me também.

Minha sala não havia mudado nada desde que eu me tornara chefe do departamento quatro anos antes. Eu a herdei de meu antecessor e mentor, o professor Malcolm Hume, secretário de Estado durante um governo, chefe de gabinete em outro. Havia ainda aquela maravilhosa essência de desordem acadêmica – globos antigos, livros enormes, manuscritos amarelados, pôsteres descolando das paredes, retratos emoldurados de homens barbudos. Não tinha escrivaninha na sala, só uma grande mesa de carvalho para doze pessoas, o número exato de alunos na minha turma de doutorandos.

Havia bugigangas por todos os lados. Não me dei o trabalho de redecorar o espaço – não em homenagem ao meu mentor, como muitos pensam, mas porque, em primeiro lugar, eu era preguiçoso e não me sentia nem um pouco incomodado com a decoração antiga; em segundo, não tinha um estilo pessoal nem fotografias de família para pendurar. Tampouco ligava para essa bobagem de “o escritório é o reflexo do homem” ou, se ligava, o homem era aquele mesmo. E terceiro, sempre achei que as quinquilharias conduziam à expressão individual. Existe algo na esterilidade e na organização que inibe a espontaneidade dos estudantes. Aquelas bugigangas pareciam acolher a liberdade de expressão dos meus alunos – o ambiente já é confuso e bagunçado, pareciam pensar, então que dano as minhas ideias ridículas poderiam

causar?

Mas, acima de tudo, era porque eu tinha preguiça e não me importava.

Nós dois nos levantamos da grande mesa de carvalho e apertamos as mãos. Ela segurou a minha um segundo a mais do que o necessário, então a retirei com rapidez intencional. Não, isso não acontece o tempo todo. Mas acontece. Estou com 35 anos agora, mas, quando comecei aqui – o jovem professor de 20 e poucos –, isso ocorria com mais frequência. Lembra-se daquela cena de *Os caçadores da arca perdida* em que uma aluna escrevia “te amo” nas pálpebras? Algo parecido aconteceu comigo no meu primeiro semestre. Só que o pronome não era “te”, mas “me”, e o verbo começava com C. Não me gabo disso. Nós, professores, estamos numa posição de muito poder. Os homens que caem nessa ou acreditam ser, de alguma forma, dignos dessa atenção (sem querer ser sexista, mas quase sempre são homens) em geral são mais inseguros e carentes do que qualquer aluna com complexo de Édipo.

Quando me sentei à espera do próximo aluno, olhei para o computador no lado direito da mesa. O protetor de tela da faculdade estava ativo. Era algo tipicamente universitário, acho. À esquerda, havia uma exibição de slides da vida no campus, jovens de todas as raças, religiões, credos e gêneros se divertindo, interagindo uns com os outros, com os professores, fazendo atividades extracurriculares. O banner no alto mostrava a logo da universidade e os prédios mais famosos, inclusive a prestigiosa capela Johnson, uma versão em grande escala daquela onde eu vira Natalie se casar.

Na parte direita da tela, via-se um *feed* de notícias da instituição.

– E aí, professor, como vão as coisas? – perguntou Barry Watkins, o próximo aluno da fila, ao entrar.

Nesse mesmo instante, vi um obituário entre as notícias que me fez parar.

– Oi, Barry – falei, com os olhos ainda na tela – Sente-se.

Ele obedeceu e pôs os pés em cima da mesa. Sabia que eu não me incomodava. Barry vinha todas as semanas. Conversávamos sobre tudo e nada. Suas visitas eram mais uma espécie de terapia do que qualquer outra coisa que tivesse a ver com o universo acadêmico, mas por mim estava perfeitamente bem.

Olhei mais de perto para o monitor. O que me fizera parar tinha sido a fotografia do falecido, do tamanho de um selo. Não o reconheci – não àquela distância –, mas parecia jovem. De certa forma, isso não era incomum nos obituários. Muitas vezes a faculdade, em vez de conseguir uma foto recente, escaneava a do anuário. No entanto, mesmo com uma olhada rápida, pude ver que esse não era o caso. O corte de cabelo não era dos anos 1960 ou 1970. A foto não era em preto e branco, como eram as dos anuários até 1989.

Entretanto, somos uma faculdade pequena, mais ou menos uns quatrocentos alunos por curso. A morte não era incomum, mas, talvez por causa do tamanho da instituição ou pela minha ligação com ela, tanto como estudante quanto como professor, sempre me senti envolvido de alguma forma quando alguém morria.

– Ei, professor?

– Um segundo, Barry.

Eu estava tomando o tempo dele. Uso um cronômetro portátil que imita um placar, desses que se vê nas quadras de basquete, com gigantescos números vermelhos. Um amigo tinha me dado de presente, achando que, por causa do meu tamanho, eu devia ter sido jogador de basquete. Nunca joguei, mas adorava o relógio. Estava automaticamente ajustado para uma contagem regressiva de nove minutos e agora marcava 8:49.

Cliquei na pequena foto. Quando ela abriu, ficando maior, consegui conter um arquejo.

O nome do morto era Todd Sanderson.

Eu havia bloqueado o último nome de Todd da memória – o convite dizia apenas “Casamento de Todd e Natalie!” –, mas conhecia aquele rosto. Não tinha mais a barba. Na foto, ele aparecia barbeado, com o cabelo raspado à máquina. Perguntei-me se teria sido por influência de Natalie – ela sempre reclamava que minha barba malfeita irritava sua pele – e depois me espantei por estar pensando numa coisa tão idiota.

– O tempo está passando, profe.

– Um segundo, Barry. E não me chama de profe.

A notícia dizia que Todd tinha 42 anos. Era um pouco mais velho do que eu imaginava. Natalie tinha 34, um ano a menos que eu. Achei que ele tivesse uma idade mais próxima da nossa. Segundo o obituário, havia